

## OS PAPAGAIOS DE RU

BANDIDO DA CARTUCHEIRA

**Gerson Murilo Ávila de Paula**

Curso de Psicologia — FAFICH

De cima da noite Ru soltava papagaios. A cidade não sabia, mas Ru sempre amou voar da janela. Os papagaios de Ru eram cada dia de uma cor, como se os vãos não fossem iguais e ele precisasse sentir que não eram iguais. Mas ninguém via os pássaros noturnos de papel crepom sobre a cidade. Ru ficava do hotel sentindo o vento levar até a linha acabar na mão. Ru não tinha tempo, e podia demorar ou correr com os gestos, dependendo do que fluía no corpo.

Os papagaios azuis eram os mais importantes para Ru, porque ele sabia que Flília sempre vigiava o céu à procura daqueles «pássaros de crepom». Flília era linda da janela, com binóculos e cabelos louros de ferrugem molhada. Ele a amava quando soltava os azuis, mas ela nunca ficou sabendo de Ru. Ouvia Flília ouvindo os beatles, e sentia o cheiro de esmalte que ele sabia ser a base que ela usava. Flília ficava na janela, tinha certeza, vigiando o início da noite e do vôo, comendo bombons e jogando os papéis celofane nas avenidas.

Quando chovia Ru chorava e os papagaios caíam como sempre, mas antes de Ru voar. E ele tinha de arrebentar a linha e guardar na gaveta do criado mudo. A gaveta de Ru era cheia de linhas emboladas de muitos tamanhos.

Os papagaios passavam acima dos luminosos multi dos edifícios, e das luzes gelo e dos automóveis. Ru era um cometa noturno, interestrelar, que queimava o corpo de cor em muitas

constelações. Cada vôo era um início como em Flília. Ru passava sobre as cabeças dos bêbados da cidade, entrava em muitos quartos e gostava dos viadutos, que denominara de «as veias abertas da cidade».

Nos domingos Ru sempre voava de negro. E Flília nunca ficava contente nos domingos. Ru sabia que os cabelos de ferrugem molhada de Flília ficavam na janela insistentemente todos os domingos, vendo o sol se derreter esperando pelo azul. E que depois Flília ia se deitar chorando, talvez abraçada a um ursinho de pelúcia, como nos filmes, porque nunca havia o vôo azul para elas nos domingos. Mas Ru não se importava com isto. E não se importava com Flília quando os papagaios eram verdes, alaranjados, amarelos, vermelhos, brancos ou mesmo cor de rosa (que para ele significava amarelo, rosa, vermelho, e branco em tons especiais, como de jardins na memória). Ru não podia soltar papagaios iguais todos os dias, porque Ru era muito especial, rasgando anseios que nem ele sabia sobre as luzes, que mesmo em milhares pareciam isoladas e singularmente misteriosas e lindas.

Quando os aviões das últimas linhas noturnas zuniam, Ru gritava como louco para não ser ouvido. Gritava por causa das luzes que também podiam voar como os papagaios de cor.

Ru do hotel tocava os fios dos postes enquanto soltava os papagaios, e executava para si uma sinfonia qualquer. Flília nunca o ouviu tocar uma sinfonia em fios para a noite de doer. Do alto do vôo Ru sentia a cidade cintilar à mirabolante orquestração e aos movimentos no ar para sustentar. Ru morria muitas vezes sobre a cidade. Morria se enforcando de desejos nas linhas dos papagaios, mas Flília também não sabia. Flília nunca ficou sabendo de Ru.

Numa tarde Flília cortou os cabelos de cachoeira e os guardou de ferrugem em uma caixa vazia de sabonetes de cheiro. De noite apareceu nua na janela, com os cabelinhos realçando o rosto triste de Flília para o corpo de crepom de Ru. As formas de Flília linda ficaram como um poster na parede do edifício.

Ru naquela noite de azul disparou e sentiu os movimentos com toda intensidade que pôde dar para os dedos, às vezes suaves

como que acariciando a resistência do ar, ou desesperado ouvindo os gemidos de amor dos quartos de uma pensão. Ru sentiu como nunca a linha ligada e passando em seu sangue. Então até as duas horas do teto da noite Ru percorreu a cidade viajando as estrelas disformes, e não conseguiu mais dormir e ficou escutando embaixo do travesseiro, no radinho, os sons dos outros da madrugada. Ru pensou muito em Flília.

Quando a manhã aconteceu desnudando a metrópole, Flília chorava e não sabia porque. Flília em frente ao espelho via seu rosto. O rosto de Flília parecia de cera escorrendo sentada na cama. O dia estava revelando o corpo de Ru no asfalto esticado de costas. Os olhos assustados e os olhos de Ru. Desinteressadamente a rua se movia como uma salamandra colorida e cheia de vida. E a janela fechada de Flília, sem saber de Ru.

Durante 33 noites Flília ainda desejou Ru, e passou ouvindo do silêncio toda espécie de ruídos que pareciam ser de um milhão de urros loucos. Flília chorou as 33 noites pra poder esquecer os papagaios de cor da dor de Ru.